JORNAL DA
AdUFRJ
Nº 1088 • 17 de junho de 2019 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

ALESSANDRO COSTA



MUSEU CELEBRA 201 ANOS

No primeiro aniversário após o incêndio, unidade realiza atividades de divulgação científica na Quinta da Boa Vista

Página 8

ADUFRJ ARTICULA FRENTE AMPLA COM PARLAMENTARES

Página 2

SILVANA SÁ



ANDRÉ LUIZ MELLO



NÃO À REFORMA

ANDRÉ LUIZ MELLO

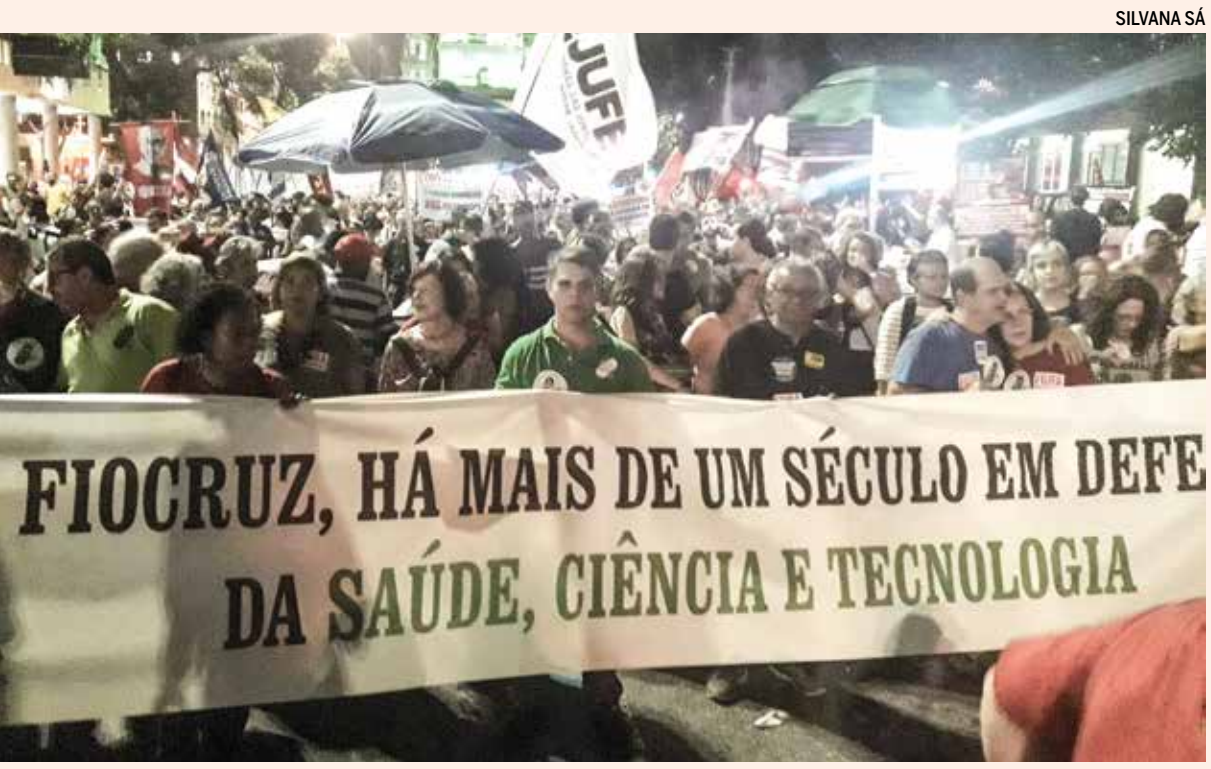


> Milhões foram às ruas em todo o país para protestar contra a reforma da Previdência, em defesa da Educação e dos empregos. No Rio de Janeiro, o principal ato ocorreu no Centro. A comunidade da UFRJ marcou presença na concentração em frente ao IFCS e na manifestação unificada das centrais sindicais e movimentos sociais. A reportagem do Intercept – que ligou o então juiz federal Sergio Moro, agora ministro da Justiça, à operação Lava-Jato – repercutiu em diversos cartazes da passeata até a Central do Brasil

ANDRÉ LUIZ MELLO



SILVANA SÁ



ANDRÉ LUIZ MELLO



A SEMANA

ESPERNEIO DO MINISTRO EXPÕE "ALMA" DA REFORMA

DIRETORIA DA ADUFRJ

A gramática tem suas armadilhas. E, com trocadilho, pode virar uma arma. Assim como vírgulas e preposições, por exemplo, o uso do artigo – definido ou indefinido – muda o sentido da frase. "A Reforma da Previdência", alardeada pelo governo Bolsonaro desde fevereiro, quando entregou a PEC 06/2019 ao Congresso, não é uma proposta de reforma da previdência. É tentativa de criar um mantra. O esperneio do ministro Guedes diante do documento apresentado pelo relator do projeto, após exame na Comissão Especial da Câmara, esclarece as coisas.

Para Guedes, o relatório "abortou a Nova Previdência", ou seja, o sistema de capitalização que seria adotado por meio de lei ordinária, já que a proposta previa a desconstitucionalização das regras fundamentais de organização do sistema, o que também foi derrubado. A grande imprensa repercutiu: o relator teria cedido à pressão dos privilegiados, os servidores públicos, e cometido a insanidade de aumentar a tributação sobre os bancos para compensar receitas perdidas. Na sexta, 14 de junho, dia seguinte à divulgação do relatório, a coluna "Opinião do Globo" expressou com rigor a natureza da decepção. "Políticos perdem chance de avançar na reforma (...) Foi rejeitado o que não se conhece, uma das características da ignorância". O argumento causa espanto: deve-se aceitar o que não se conhece, certamente por uma questão de convicção, e não de provas.

Antes fosse, porém, o argumento, apenas espantoso. De fato ele é mentiroso, pois a adoção de regimes de capitalização em sistemas compulsórios de previdência é conhecida, como são conhecidos seus resultados desastrosos para a população. Um estudo da OIT ("Reversão da privatização da previdência: questões chaves") publicado em dezembro de 2018 mostra que entre 1981 e 2004, 30 países aderiram à capitalização. Nenhum do chamado Primeiro Mundo. Dezoito deles já reverteram total ou parcialmente a privatização, em função de redução da cobertura, expansão da pobreza idosa, agravamento das desigualdades, além dos custos altíssimos de estabelecimento e manutenção das contas individuais. Nada a ver com o discurso de salvação da economia que há meses bombardeia mentes e corações.

O problema é que o modelo de capitalização que, supõe-se, está na cabeça do ministro da Economia, não se encontra formulado em canto algum. O próprio ministro fornece indicações díspares quanto a contribuições, administração,

FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL



e sobretudo quanto à ocasião de bater o martelo. Seu esperneio diante do relatório, todavia, revela o âmago do mantra salvacionista: o cerne da reforma não reside na idade da aposentadoria ou no tempo de contribuição como fórmulas de enfrentamento do nó fiscal. A alma do negócio consiste em vender ao público – leia-se, ao mercado – o fetiche da possibilidade de adesão ao regime de previdência privada, mesmo que vagamente sugerido.

Paul Krugman, Prêmio Nobel de Economia de 2008, ironiza como *tall tale* os mitos econômicos abraçados pela política de austeridade, entre os quais, o mito da *confidence fairy*. A "fada da confiança" restaura a confiança dos empresários e investidores se o governo promete cortar gastos ou demonstra ter como fazê-lo.

Apesar de velado por fadas, esse cenário não comporta inocentes. O relatório não é um saco de bondades nem o relator um *outsider*. Embora a arma retórica do ministro tenha perdido potência, sua permanência em campo foi assegurada. O que começa a se desenhar é um jogo pesado que, acirrado pelas idiossincrasias do bolsonarismo, coloca prematuramente no horizonte a disputa eleitoral em 2022. Disputa pela liderança do projeto de desmonte do tímido Estado Social brasileiro que tem seu eixo na destruição da previdência pública.

Não nos iludamos. O vencedor, qualquer que seja, não dará tréguas às universidades públicas e a seus professores. Para usar uma expressão que retorna à moda, nossas cabeças estão a prêmio.

OBSERVATÓRIO



A mobilização da sociedade e a pressão das ruas, a partir das manifestações de 15 e 30 de maio, foram fundamentais para garantir a recuperação de parte do orçamento da Educação cortado pelo governo federal, aponta o Observatório do Conhecimento.

Com a força de diversas articulações, em especial da Frente Parlamentar pela Valorização das Universidades Federais, foi possível o comprometimento do governo federal em liberar R$ 1 bilhão para a pasta da Educação.

Este valor foi negociado na Comissão Mista do Orçamento do Congresso Nacional como parte dos R$ 248,9 bilhões em créditos suplementares aprovados pelos parlamentares.

O Observatório do Conhecimento continuará mobilizado porque R$ 4,8 bilhões ainda estão bloqueados, o que compromete a expansão da educação superior e do sistema de C&T.

AGENDA

25/06

ASSEMBLEIA GERAL DA ADUFRJ
LOCAL E HORÁRIO SERÃO INFORMADOS

IMAGENS DA SEMANA



SAMUEL TOSTA/ESPECIAL PARA ADUFF



Greve geral teve atividades em 380 cidades brasileiras

> As ruas voltaram a dizer não à reforma da Previdência proposta pelo governo Bolsonaro. No mesmo dia, mais cedo, um motorista atropelou professoras e estudantes durante ato em Niterói

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

O Brasil parou no dia 14 de junho. Houve atos em 380 cidades de 26 estados e no Distrito Federal contra a Reforma da Previdência do governo Bolsonaro. Segundo a CUT, 45 milhões de trabalhadores paralisaram ou foram impactados pela greve. As manifestações foram convocadas pelas centrais sindicais e pelos movimentos sociais Povo Sem Medo e Frente Brasil Popular.

No Rio, a passeata saiu da Candelária em direção à Central do Brasil, à noite. E foi fortemente reprimida antes do encerramento. No início da manhã, técnicos-administrativos e estudantes fizeram um protesto no Fundão. Eles chegaram a fechar a Linha Vermelha, na altura do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Também houve protesto com fechamentos de vias em Niterói e na Avenida Brasil.

No início da tarde, a comunidade acadêmica da UFRJ se reuniu no Largo do São Francisco, em frente aos prédios dos institutos de Filosofia e Ciências Sociais e de História. Lá, estudantes da Associação dos Pós-Graduandos da universidade fizeram uma roda de conversa sobre os impactos dos cortes orçamentários para a pesquisa no país.

A AdUFRJ participou da concentração no IFCS, conforme decisão da assembleia dos professores, do dia 12.

Ao longo da atividade, o deputado federal Glauber Braga (PSOL/RJ) apontou os prejuízos da reforma, sobretudo para os mais pobres. "Esta reforma prevê a economia de R$ 1 trilhão. Não é uma economia. É um dinheiro que será retirado dos trabalhadores deste país", observou. Ele se comprometeu a manter a postura de votar contra a proposta que tramita no Congresso Nacional.

A professora Mônica Ferreira Moreira, do Instituto de Química, participou das atividades. Para ela, a sociedade deve participar mais do debate sobre a reforma do governo Bolsonaro e os cortes realizados na educação e na ciência e tecnologia.

A docente acredita que a UFRJ precisa continuar a mobilização levando a sua produção acadêmica para a rua. "É preciso fortalecer a participação das pessoas. Quando temos ações de demonstração das nossas pesquisas, isto agrega mais pessoas e também chama atenção da sociedade", afirma.

Alexis Saludjian, professor do Instituto de Economia, também esteve na concentração da UFRJ. "É fundamental aglomerarmos força contra esta reforma injusta", observa. "A atividade da UFRJ no IFCS ficou prejudicada, porque o setor da educação estava todo reunido em outro ponto da cidade, com participação de várias seções sindicais do Andes-SN. A manifestação da Candelária só ganhou corpo quando esses companheiros se juntaram à passeata geral. O nosso caminho deve sempre ser o da mobilização conjunta", avalia o docente.

Para Felipe Rosa, diretor da AdUFRJ, o ato do dia 14 não deve ser avaliado de acordo com as expectativas. "No Rio, claramente foi um ato menor que o dia 15 de maio, mas precisamos entender que a educação é um tema mais transversal do que a reforma da Previdência e, justamente por isso, agrega mais pessoas", afirma.

ANDRÉ LUIZ MELLO



Ainda assim, houve boa mobilização na cidade. "O ato da noite foi bastante cheio e demonstrou que a sociedade carioca também não quer esta reforma da Previdência".

O docente também comentou o atropelamento de manifestantes em Niterói. "Fiquei pessoalmente muito impactado. Foi um atentado de enorme brutalidade. Espero que o autor responda na Justiça".

DOCENTES E ALUNOS FORAM ATROPELADOS EM ATO DE NITERÓI

Uma atitude violenta contra professoras e estudantes marcou a manhã do 14 de junho. Em Niterói, por volta de 7h, um motorista decidiu acelerar seu carro contra manifestantes que faziam um bloqueio em frente ao hospital Antonio Pedro, da Universidade Federal Fluminense. Após o atropelamento, duas docentes precisaram ser hospitalizadas; três estudantes sofreram escoriações leves.

Marinalva Oliveira, professora da Faculdade de Educação da UFRJ e moradora daquela cidade, panfletava no ato, quando percebeu o veículo em alta velocidade na sua direção. Tentou sair da frente, mas acabou atingida no lado do corpo. Caiu de costas e bateu a cabeça. A professora Kate Lane, do Colégio Universitário da UFF, foi a outra vítima: "Eu caí e o carro passou com uma roda por cima das minhas duas pernas. Por sorte, não quebrei nada. Mas fiquei com um edema muito grande", disse

As duas foram levadas para hospitais diferentes e, após exames, receberam alta algumas horas depois. Já prestaram queixa à polícia e aguardam o resultado das investigações – o atropelador se apresentou à polícia no dia seguinte, mas o teor do depoimento não foi divulgado.

"Este motorista tem de responder pela tentativa de homicídio", afirma Marinalva, que está recebendo assessoria jurídica da AdUFRJ. Para a professora, o ocorrido tem origem no discurso dos governantes do país e do estado estimulando o ódio e a intolerância: "As pessoas estão praticando atos de violência, porque se sentem respaldadas pelos governantes. É preciso parar esta irresponsabilidade".

Kate Lane acompanhou o ponto de vista: "Isso é bem expressivo do que estamos vivendo. Esse incentivo ao ódio. Mas do lado de cá, tem muita resistência e muito carinho".

As professoras receberam mensagens de solidariedade de todo o país. A diretoria da AdUFRJ divulgou nota no mesmo dia para se solidarizar com os feridos e para repudiar a violência contra os manifestantes.

Questionadas se voltariam a participar de manifestações na rua, as duas professoras não hesitaram: "Certamente. Estou na rua há bastante tempo e não vou sair dela enquanto não conseguirmos o que queremos", disse Kate. "A rua é o nosso lugar de disputa política e de lá não sairei", reforçou Marinalva. (**Kelvin Melo**)

MEC nomeia interventora na Grande Dourados

> Mirlene Ferreira Macedo Damázio foi designada reitora pro tempore da UFGD. Docente não estava na lista tríplice e é apoiadora de chapa ligada ao PSL, partido do presidente Jair Bolsonaro

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

A comunidade acadêmica da Universidade Federal da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, foi surpreendida com a designação de uma interventora, no dia 12 de junho. O Ministério da Educação nomeou a professora Mirlene Ferreira Macedo Damázio para a reitoria da universidade sem que ela tivesse feito parte da lista tríplice ou da consulta prévia feita à comunidade universitária.

Mirlene Damázio, no entanto, foi apoiadora da chapa que ficou em último lugar na eleição realizada com professores, estudantes e técnicos. A chapa perdedora era ligada ao PSL, partido do presidente Jair Bolsonaro, informa a seção sindical dos Docentes da Grande Dourados (AdufDourados).

A entidade publicou nota de repúdio à intervenção. De acordo com a publicação, a diretoria da seção sindical "repudia a nomeação de um reitor interventor" e entende que esse "mecanismo viola a democracia universitária". No dia 13, em assembleia, os professores decidiram, por unanimidade, não reconhecer a nova reitora. "Aprovamos um conjunto de ações políticas e jurídicas para tentarmos combater este forte ataque à nossa autonomia universitária", afirmou a presidente Claudia Marques.

Dentre as ações, estão previstas uma posse simbólica ao reitor vencedor do pleito, o professor Etienne Biasotto, e apresentar um dossiê jurídico ao Ministério Público Federal. Em nota, os estudantes da UFGD afirmam que "qualquer indicação que esteja fora da lista tríplice construída dentro da universidade não é legítima e não pode ser aceita pela comunidade acadêmica". Em assembleia, eles decidiram realizar protestos contra a nomeação.

Os técnicos-administrativos publicaram nota afirmando não reconhecerem a nova reitora. "Repudiamos a judicialização do processo eleitoral que está dentro de toda a legalidade e a nomeação de um interventor na universidade. A autonomia e a democracia da universidade não é um jogo político", afirma trecho do documento.

Procurado, o MEC, por meio de sua assessoria de imprensa, informou que "a nomeação da professora doutora Mirlene Ferreira Macedo Damázio para o cargo de reitora pro tempore da UFGD atende às normas legais". E que considera "também os efeitos da decisão do TRF da 3º Região que mandou suspender a lista tríplice".

A reportagem da AdUFRJ perguntou o motivo de o ministério ter optado por uma docente que não fez parte da lista tríplice e por que escolheu especificamente a professora Mirlene. A assessoria, no entanto, não respondeu às questões.

Apesar da nomeação, a UFGD viveu uma situação inusitada e ficou uma semana sem reitor. Na segunda-feira (11), a reitora Liane Maria Calarge deixou o cargo, um dia antes de o MEC designar a reitora não eleita. Na terça-feira, quando foi publicada a decisão no Diário Oficial, o então vice-reitor da universidade, Marcio Eduardo de Barros, também deixou o cargo. Como a professora Mirlene Damázio tinha pedido afastamento até o dia 15 de junho para realizar atividades fora da instituição, ainda foi necessário um ato administrativo para que ela formalmente pudesse assumir o cargo.

A nova reitora foi procurada pela reportagem da AdUFRJ para falar sobre a situação, mas a assessoria de imprensa da universidade informou que ela não poderia conceder entrevista porque estava reunida com a equipe de pró-reitores que permaneceram nos cargos, além de diversos coordenadores de unidades e departamentos da universidade.

Em maio, o Jornal da AdUFRJ entrevistou o procurador da Universidade Federal da Grande Dourados, Jezihel Pena Lima. Na ocasião, ele afirmou que não houve vícios ou problemas jurídicos no processo de escolha do reitor da UFGD. Afirmou, ainda, que o colégio eleitoral respeitou a legislação. Em abril, Lima enviou parecer ao MEC em resposta aos questionamentos do ministério à elaboração da lista tríplice e à realização da consulta paritária à comunidade.

A última Assembleia Geral da Adufrj, dia 12, também aprovou moção contrária à intervenção. **(Colaborou Ana Paula Grabois)**

SINTEF-UFGD



ABRAÇO COLETIVO UFGD fez protesto contra intervenção no dia 17

RELEMBRE O CASO

Em 17 de dezembro o Ministério da Educação publicou uma nota técnica reinterpretando os critérios para a escolha de reitores nas universidades federais. De acordo com o documento, não só o colégio eleitoral das instituições, mas também as consultas realizadas com a comunidade acadêmica, precisariam respeitar o percentual mínimo de 70% de participação docente. Ou seja: inviabilizava processos eleitorais paritários. A mudança foi vista como ataque direto à autonomia das instituições de ensino superior. A Universidade Federal da Grande Dourados realizou seu processo eleitoral de forma paritária, em consulta à comunidade acadêmica, como era tradição da instituição. O pleito foi realizado em março. Os vencedores foram o professor Etienne Biasotto, para o cargo de reitor, e a professora Claudia Lima, para o cargo de vice-reitora. Ainda em março, o colégio eleitoral da universidade definiu a lista tríplice e enviou ao governo federal. Em abril, o MEC mandou a universidade refazer a eleição alegando irregularidades no processo. A universidade apresentou pareceres e defesa reafirmando a legalidade do processo, mas foi ignorada pelo ministério.

Justiça mantém cortes do MEC

> Desembargador derruba liminar que suspendia corte às universidades. Governo promete liberar R$ 1 bilhão

DA REDAÇÃO
comunica@adufrj.org.br

Em menos de uma semana, a segunda instância da Justiça Federal derrubou a medida liminar que suspendia o corte de verbas do Ministério da Educação para as universidades federais. A nova decisão ocorreu após recurso da Advocacia-Geral da União (AGU).

Na quarta-feira, o desembargador federal Carlos Moreira Alves, do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, afirmou que o corte faz parte da programação orçamentária do governo. Proibir o bloqueio de recursos, segundo a decisão do desembargador, prejudicaria a ordem pública e econômica.

Poucos dias antes, a juíza Renata Almeida de Moura Isaac, da 7ª Vara Federal Cível da Bahia, havia determinado a suspensão dos cortes. "Concluo que o contingenciamento de verbas das instituições de ensino federais, sobretudo quando praticada em considerável percentual, não pode prescindir de prévio estudo técnico e minucioso, inclusive com a participação dos representantes destas instituições, para fins de se garantir que o bloqueio incidente sobre as verbas discricionárias não interferirá na continuidade das atividades acadêmicas", diz um trecho da decisão da juíza.

Os cortes do governo Bolsonaro ao ensino superior foram da ordem de R$ 2 bilhões, o equivalente a 30% do orçamento previsto para 2019 e atingiram as despesas de manutenção das universidades federais, como o pagamento dos serviços de água, energia elétrica, limpeza e vigilância. Em toda a educação, o contingenciamento foi de R$ 5,8 bilhões.

Na semana passada, o governo prometeu liberar R$ 1 bilhão dos R$ 5,8 bilhões cortados do orçamento do Ministério da Educação depois de a Comissão Mista de Orçamento do Congresso Nacional aprovar créditos suplementares de R$ 248,9 bilhões. Também devem ser liberados R$ 330 milhões para bolsas de pesquisa do CNPq.

Com a pressão da sociedade após as manifestações dos dias 15 e 30 de maio por todo o país e as diversas articulações em favor da educação, em especial da Frente Parlamentar pela Valorização das Universidades Federais, os parlamentares votaram pela liberação de verbas aos segmentos da educação e da ciência.

De acordo com a Associação dos Dirigentes das Instituições de Ensino superior (Andifes), o ministro da Educação, Abraham Weintraub, disse que o acordo estabelecido na comissão mista do Congresso será cumprido. O ministro reuniu-se na quarta-feira com a Frente Parlamentar pela Valorização das Universidades Federais e com a diretoria da Andifes.

Na Capes, existe um estudo de um novo corte de bolsas. Segundo reportagem de "O Globo", os cursos avaliados com duas notas 4 consecutivas seriam o alvo. Somente entre abril e maio, a Capes anunciou cortes de 5,2 mil bolsas para estudantes de pós-graduação.



JOÃO LAET

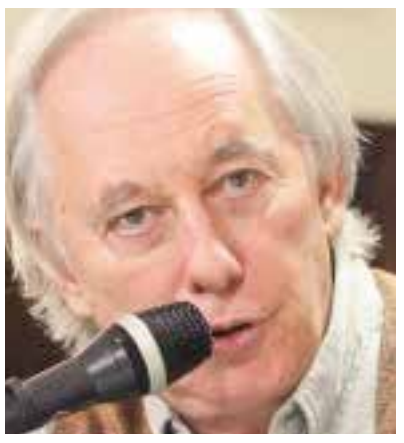
FREIXO: "Não dá mais para nós ficarmos com a agenda reativa a essa crise". O deputado federal também avalia que a frente parlamentar deve adotar um caráter pluripartidário.

Docentes e deputados se unem para criar frente ampla

> Encontro da diretoria da AdUFRJ com deputados federais e estaduais do Rio resultou na ideia da formação de uma grande frente mista multipartidária com a participação da sociedade civil

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufrj.org.br

Criar uma frente parlamentar em defesa da educação superior pública no estado do Rio com a participação da sociedade civil – associações de docentes e de estudantes, cientistas e artistas. Este foi o resultado do encontro entre a diretoria da AdUFRJ e parlamentares das bancadas estadual e federal do Rio, na semana passada, na Casa da Ciência da UFRJ. A reunião contou com representantes de diversas legendas partidárias – PSB, PSOL, PT, Cidadania, PDT, PCdoB e PSDB.



"A educação é um palco privilegiado para construir maiorias multipartidárias

CARLOS MINC
Deputado estadual do PSB

Lançada pelo deputado Waldeck Carneiro (PT) e concebida pelo ex-deputado do PSOL Chico Alencar, a frente mista foi aceita imediatamente entre os políticos presentes.

A proposta da iniciativa é auxiliar as universidades a resistir aos diversos ataques vindos do governo Jair Bolsonaro, especialmente do ministro da Educação, Abraham Weintraub. Chico Alencar participou do encontro da AdUFRJ como representante da Universidade da Cidadania – que faz a articulação com movimentos sociais e parlamentares –, ligada ao Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.

"A avaliação da reunião é muito positiva não só pela presença, mas pelo contato inicial. Vamos dar continuidade a esses encontros com os parlamentares. As questões colocadas são de suma importância para o nosso projeto de universidade e para que possamos continuar essa luta de resistência. A criação de uma frente parlamentar mista é fantástica", afirmou a presidente da AdUFRJ, Maria Lúcia Werneck Vianna.

"O encontro mostrou que existe uma demanda dos parlamentares em conhecer mais a universidade. Existe interesse dos deputados das duas casas em defender a educação", disse o diretor da AdUFRJ Felipe Rosa. Para ele, promover a articulação com o Legislativo em defesa da Educação é uma das funções da entidade representativa dos professores . "Nesse sentido, foi importantíssimo o encontro", completou.

O futuro vice-reitor da UFRJ, professor Carlos Frederico Leão Rocha, compareceu à reunião. Ele destacou a importância do apoio das bancadas parlamentares à universidade diante dos cortes orçamentários. Somente na UFRJ, foram R$ 114 milhões de verbas cortadas neste ano, enquanto a dívida da universidade gira em torno de R$ 170 milhões. "Queremos contar com os deputados também para a nossa posse. A garantia da nomeação da primeira mulher reitora na UFRJ foi uma importante vitória da universidade pública", afirmou. A cerimônia de posse da nova reitoria vai ocorrer no dia 8 de julho, no auditório do bloco A do Centro de Tecnologia da universidade.

Para o deputado Waldeck Carneiro, por trás dos cortes do MEC existe uma clara oposição ao processo de popularização da universidade pública nos últimos anos.

Já a deputada estadual Mônica Francisco (PSOL) disse que os ataques sofridos pela universidade na atual administração Bolsonaro fazem parte de um conjunto de acontecimentos no país contra a democracia. "O maior símbolo da democracia é a produção de conhecimento, de ciência, a possibilidade de uma universidade plural, diversa", afirmou a deputada, que defendeu ainda a participação das bancadas das Câmaras Municipais na frente ampla.

O deputado Paulo Ramos (PDT) disse que a reunião foi importante para fazer frente "ao desmonte da universidade" em curso. Já Marcelo Freixo (PSOL) ressaltou que os ataques do governo contra a universidade são parte de um quadro de crise de democracia. "É um corte violento acompanhado de um projeto muito perverso", afirmou. "Não dá mais para nós ficarmos com a agenda reativa a essa crise", disse o deputado federal, que ressaltou a necessidade de a bancada em defesa da educação ser formada com o maior número possível de partidos comprometidos com a democracia.

O deputado federal Marcelo Calero (Cidadania) criticou o desprezo por critérios científicos nas políticas públicas do governo Bolsonaro, citando a flexibilização das leis de trânsito anunciada na semana anterior. "As políticas públicas não estão sendo feitas com base em dados, em ciência. Isso é muito preocupante", afirmou Calero, destacando a necessidade de união entre os parlamentares em favor das universidades. "Precisamos unir o campo humanista, de pessoas que tenham preocupação com o ser humano, independentemente da visão econômica ou sobre o Estado. Fico muito feliz de estar aqui hoje", afirmou.

Carlos Minc, da bancada estadual do PSB, reforçou o que deve ser característica da frente. "A educação é um palco privilegiado para construir maiorias multipartidárias", disse.

O deputado estadual Renan Ferreirinha fez coro com o colega de partido. "Esse debate está muito longe de uma perspectiva ideológica", afirmou. Ferreirinha destacou os efeitos dos cortes de verbas sobre economia, emprego, renda e arrecadação de impostos no estado do Rio. "O corte tem um efeito muito além dos muros das universidades, tem efeito direto na economia fluminense", completou. O estado do Rio conta com quatro universidades federais – UFRJ, UFF, UniRio e UFRRJ – e as estaduais UERJ, Uenf e Uezo.

O encontro contou ainda com a participação da deputada federal Talíria Petrone (PSOL) e dos deputados estaduais Eliomar Coelho (PSOL) e Flavio Serafini (PSOL). Os deputados federais Jandira Feghali (PCdoB) e Alessandro Molon (PSB) e o deputado estadual Luiz Paulo (PSDB) não puderam comparecer, mas enviaram representantes que expressaram adesão à iniciativa da AdUFRJ.

A reunião também recebeu apoio do Observatório do Conhecimento, rede de 14 associações docentes de universidade que tem como objetivo defender a universidade pública, gratuita e de qualidade, além da liberdade acadêmica.



"Precisamos unir o campo humanista independentemente da visão econômica ou sobre o Estado

MARCELO CALERO
Deputado federal do Cidadania

Orçamento menor impacta "Conhecendo a UFRJ"

GIULIA VENTURA E JULIA NOIA
comunica@adufrj.org.br

GIULIA VENTURA



MENOS ESTUDANTES: Total de alunos secundaristas que participaram do evento em 2019 ficou reduzido a um terço do ano anterior.

O corte de verbas no orçamento do MEC afetou o maior evento de extensão da universidade. O Conhecendo a UFRJ, quando estudantes secundaristas visitam a instituição para aprender mais sobre os cursos, precisou ser reduzido e redistribuído em mais locais para caber no novo orçamento.

"Estamos chamando a edição deste ano de 'resistência' por questões de estrutura e orçamento da universidade", disse a coordenadora de Integração e Articulação da Pró-reitoria de Extensão (PR-5) da UFRJ, Michelle Moreira. "A cada ano que passa, temos uma dificuldade maior por conta da questão orçamentária. Mas, neste ano, o último anúncio de corte de verbas do MEC foi a gota d'água", reforçou. Em 2018, o custo da universidade com a organização do evento foi de R$ 458,7 mil na organização do evento, bem acima dos R$ 69 mil referentes a este ano.

A 16ª edição do "Conhecendo a UFRJ", realizada entre os dias 11 e 13, acolheu 4.727 alunos contra 14.202 credenciados no ano passado. Recebeu 72 escolas públicas e 56 particulares, números bem inferiores aos de 2018, quando 173 públicas e 123 particulares participaram do evento.

Além de mostrar aos estudantes do ensino médio a relevância da instituição, o evento é uma maneira de apresentar à sociedade a produção científica da UFRJ.

Os secundaristas podem conhecer melhor cada profissão, além de compreender a importância do tripé de atividades que sustenta as universidades públicas: o ensino, a pesquisa e a extensão.

NOVOS LOCAIS

Devido à redução de recursos, a Pró-reitoria de Extensão optou por distribuir as atividades entre o Centro de Tecnologia (CT), o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), o Centro de Ciências da Saúde (CCS) e a Faculdade de Letras, todos na Cidade Universitária.

Nas edições passadas, o evento era concentrado na Escola de Educação Física e Desportos. Neste ano, por conta da diminuição de espaço disponível, as atividades contaram com 51 estandes de apresentação de cursos, no lugar dos 70 estandes habituais.

EXPERIÊNCIA NOVA

A alteração do circuito proporcionou uma experiência nova para os alunos secundaristas e para a própria organização. "Não temos uma grande concentração de estudantes em um só lugar e eles também têm a oportunidade de conhecer mais o campus", afirmou a gestora de Integração e Articulação de Extensão, Renata Soares.

Para alguns secundaristas, o "Conhecendo a UFRJ" é a única oportunidade de conhecer uma instituição de ensino superior. "O evento é fundamental, porque os alunos podem ter uma noção do que é uma graduação. Para a maioria, principalmente entre os alunos de escolas públicas, é a primeira porta de entrada para a universidade", disse a professora Erika Bourseau, da Escola Municipal Minas Gerais, na zona sul do Rio de Janeiro.

Aluna do Colégio de Aplicação da UFRJ, Luiza Lourenço afirmou que a vivência dentro da universidade é essencial. "Visitar a universidade é muito importante porque podemos nos conectar com o espaço e conhecer os prédios", disse.

A estudante Clara Garcia, também do CAp da UFRJ, considerou ser muito significativo entender o ambiente universitário, principalmente neste momento, com a crise da educação.

"Quando entendemos que a universidade é um local de construção de ciência e de cultura, também compreendemos que esse é um espaço muito importante e nos faz querer estar aqui", completou. Segundo ela, o "Conhecendo a UFRJ" permitiu que tivesse contato com diversos cursos de graduação antes desconhecidos.

"Esperamos que em breve esses estudantes que vieram nos acompanhar hoje venham como alunos de graduação", disse a professora Aline Posch, da Faculdade de Odontologia, e diretora adjunta de Extensão da unidade.

Educação infantil pode ser integrada ao CAp

> Estudantes do último ano da Escola de Educação Infantil poderão ingressar diretamente no Colégio de Aplicação. Consuni decide sobre tema dia 18

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrj.org.br

Uma proposta de integrar a Escola de Educação Infantil (EEI) e o Colégio de Aplicação (CAp) será apreciada pelo Conselho Universitário, em sessão especial, no dia 18.

A sessão especial é necessária, pois a proposta demanda uma alteração no Estatuto da UFRJ: a Educação Infantil da universidade precisa ser retirada da condição de órgão suplementar do CFCH, permitindo dotação orçamentária própria (via CAp) e facilitando a demanda por concursos docentes.

"No momento atual de tanta quebra e fragmentação na Educação, essa iniciativa é muito alvissareira", avaliou Cristina Miranda, diretora do CAp, durante uma apresentação prévia do assunto, realizada no Consuni do dia 13. "Pode ser passo decisivo para a educação básica e para a formação de professores", acrescentou.

Com a fusão, os alunos EEI passam a ingressar diretamente no CAp. A ideia é que a turma do último segmento da Escola de Educação Infantil já seja beneficiada. De acordo com a vice-diretora do CAp, Graça Reis, o procedimento "é o mesmo já adotado na transição do quinto para o sexto ano e do ensino fundamental para o médio".

Também presente à reunião, a professora Alice Coutinho, diretora da EEI, destacou a unidade como campo de estágio que "há tempos realiza ensino, pesquisa e extensão", mesmo contando com apenas quatro docentes do quadro permanente.

O Plano Diretor da universidade prevê a reunião das duas unidades no Fundão, em prédio próximo à Faculdade de Letras. Mas, por enquanto, a integração será apenas acadêmica. Segundo Cristina Miranda, a princípio, as escolas ficam onde estão – a EEI, ao lado do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG); o CAp, na Lagoa.

"Mas, considerando que só estamos atrás do prédio da Educação nos itens prioritários de obras paradas do convênio da universidade com o BNDES, talvez não seja algo a tão longo prazo", disse, em referência à parceria com o banco público para aproveitamento econômico dos ativos imobiliários da UFRJ. A inciativa – ainda em fase de estudos – prevê que, em troca da exploração de terrenos da instituição, empresas invistam em assistência estudantil e em obras de infraestrutura acadêmica, por exemplo.

OBITUÁRIO | **ELOISA MANO, PROFESSORA**

O ADEUS À PEQUENA NOTÁVEL

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

FOTOS: DIVULGAÇÃO



MOMENTOS fotos mostram a trajetória de Eloisa Mano: com a atual diretora do IMA; na inauguração do Instituto, em 1979; e no Centro de Tecnologia, em 1971

Pequena notável, dama dos polímeros, dama de ferro do Instituto de Macromoléculas. Estas são algumas das formas pelas quais a professora Eloisa Biasotto Mano, Emérita do IMA/UFRJ, ficou conhecida na instituição. Dona de um saber incomparável em sua área, foi ela quem trouxe para o Brasil o estudo sobre polímeros, ainda nos anos 50. Seus feitos são reconhecidos internacionalmente. A professora faleceu no último dia 8 de junho, aos 94 anos. Faria 95 em 24 de outubro.

Foi em 1968 que Eloisa Mano criou o primeiro grupo de pesquisadores em polímeros do país. Nesta época, ela era Catedrática do Instituto de Química, onde ingressou como docente em 1959.

Em 1979, com recursos do então BNDE, conseguiu construir o prédio do Instituto de Macromoléculas. Eloisa Mano atuou como professora visitante na França, Alemanha, nos Estados Unidos, no Chile, Japão, México, na Argentina, Espanha, Holanda, Noruega, Inglaterra e Itália.

Alguns colegas relembram a trajetória da professora. Emérito do Instituto de Química, o professor Ricardo Bicca foi aluno de Eloisa. "Entrei na graduação em 1962 e ela era a Catedrática de Química Orgânica. Era uma excelente professora", recorda. "Muito exigente e dura. Na época, não havia muitas mulheres catedráticas e ela precisava se impor. Formou muita gente", completa o docente.

Atual diretora do IMA, a professora Maria Inês Bruno lembra os ensinamentos de Eloisa. "Tinha sempre um carinho muito grande comigo. Sempre nos apresentava novos saberes. Pegava na nossa mão e caminhava pelo prédio. Olhava a o IMA como um todo. Eu agora faço o mesmo como diretora".

Uma história que poucos sabem é que a professora Eloisa Mano ajudou a construir casas para servidores na Vila Residencial. "Depois ela ia lá e inaugurava com o nome de pessoas que foram importantes para o instituto", conta Maria Inês.

Bruma Guenther Soares, Titular do Instituto de Macromoléculas, conviveu com Eloisa desde sua graduação. Além da brilhante atuação acadêmica, Bruma destaca o perfil generoso de Eloisa. "Ela não media esforços para ajudar a quem precisasse", diz.

Bruma revela curiosidades da professora Eloisa. "Ela não tirava férias. Trabalhava de segunda a sábado neste instituto. Ela respirava a UFRJ", afirma.

Tanta dedicação tinha um preço: era uma das poucas mulheres de sua geração que escolheu não casar e não ter filhos. "Esta aqui era a sua família".

E parecia mesmo. Todo ano, Eloisa organizava a festa de Natal do seu Instituto. Havia mesa farta, Papai Noel e muita alegria. "Não sei como ela conseguia comprar presente para todas as pessoas que participavam das festas. Servidores técnicos, professores, estudantes, nossos filhos", lembra.

Eloisa foi diretora do IMA desde sua criação, em 1972, até a aposentadoria compulsória, em 1994. Plantou um jardim no prédio, com árvores em frente a cada um dos laboratórios. Construiu uma cozinha, que deu o nome de Luar de Agosto. Plantou uma horta orgânica. Nos primeiros anos de funcionamento do novo prédio, fez uma das salas de creche, para que professoras e funcionárias pudessem levar seus filhos para o Fundão. "Ela queria criar as condições para que não precisássemos sair do campus".





Emérito do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química da Coppe, o professor Claudio Habert também coleciona boas histórias. "Vim para a Coppe como aluno em 1970, mas somente quando fui fazer meu doutorado fora do país tive a real dimensão da importância da Eloisa Mano para a área", reconhece o docente.

Em março de 1977 eles se encontraram pela primeira vez. "Tive várias impressões: uma determinação absurda, uma dedicação fora de série e a forte vontade de que a academia interagisse com a indústria", destaca o professor. "Onde houvesse fonte de recursos para bancar projetos, lá estava Eloisa fazendo pontes, fosse no Brasil ou no exterior", recorda.

Apaixonada por crianças, a professora chegou a escrever um livro com as histórias que a sobrinha lhe contava. "Essa parte afetiva era muito forte nela com os sobrinhos", destaca o professor.

A professora Elisabeth Monteiro, hoje colaboradora do IMA, foi aluna de Eloisa em 1960. Depois, a reencontrou em 1971, no doutorado. "Após o almoço, reunia no seu gabinete alunos, professores e visitantes para o 'Café Emérito', assim chamado por ela, que ela mesma fazia acompanhado de biscoitos", conta. A Professora Eloisa teve papel fundamental na minha vida e de inúmeros alunos". (**Colaboraram Giulia Ventura e Julia Noia**)

Complexo de Formação docente ganha novo site

> UFRJ coordena iniciativa que reúne escolas municipais, estaduais, federais e universidades

SILVANA SÁ
silvana@adufrj.org.br

"Construção de uma política de valorização da educação básica". Assim, a professora Carmen Gabriel, da Faculdade de Educação, sintetizou o objetivo do Complexo de Formação de Professores (CFP) da UFRJ. No dia 12, a universidade lançou o site da inciativa, que congrega colégios federais, as secretarias Municipal e Estadual de Educação e outras instituições de ensino superior.

Se, por um lado, as escolas se tornam campo de prática da profissão docente para os estudantes da graduação, por outro, a universidade se afirma como local de formação continuada de professores da educação básica.

"O Complexo tem a prerrogativa de ser um fórum permanente de formação", reforçou a professora Carmen.

O reitor Roberto Leher, Titular da Faculdade de Educação, fez uma conferência durante a cerimônia de lançamento do site. O Complexo de Formação de Professores, em sua visão, devolve à educação pública o protagonismo de elaborar políticas para a área. "Muito raramente, no debate público, nós encontramos vozes da universidade pública e quase nunca de professores que atuam na educação pública", afirmou. "O que existe são visões de grupos corporativos que estão organizados e têm projetos muito específicos para a educação", completou.

Alguns números mostram que o direcionamento da formação de professores acontece majoritariamente pela iniciativa privada. De acordo com o Censo da Educação de 2016, 84% das vagas destinadas à formação de professores estão no setor privado. Aproximadamente 60% delas são de ensino à distância.

Outro aspecto que levou a UFRJ a criar a iniciativa foi a atuação de professores fora da sua área de formação dentro da própria universidade. "Apenas 40% dos professores que dão aula de Matemática têm esta formação. No caso da Sociologia, apenas 19% são formados na área", argumentou o reitor.

No caso das escolas de ensino fundamental, só 47% dos professores atuam em áreas correspondentes à sua formação. O número chega a 55% no caso dos professores de ensino médio.

No mesmo evento, a universidade apresentou sua campanha de valorização docente, batizada de "ProfSOU". "Passa por reconhecer a docência como profissão e transmite o orgulho de ser professor", completou a professora Cristina Miranda, diretora do Colégio de Aplicação.

Vice-reitor eleito, o professor Carlos Frederico Leão Rocha participou da solenidade e elogiou a ação. "A universidade deve ser, de fato, protagonista junto com as escolas de educação básica e com os profissionais que delas fazem parte", afirmou.

O docente assegurou que sua gestão buscará fortalecer e ampliar as ações do Complexo de Formação de Professores. "Entendemos como algo prioitário. No Brasil, é muito baixo o número de crianças e jovens que conseguem concluir o ensino básico em 12 anos. Há um enorme déficit de aprendizagem e grande desvalorização dos professores da educação básica. A atuação da universidade neste campo é uma das principais formas de a UFRJ contribuir para a sociedade".

Quem quiser conhecer um pouco mais o site e os projetos do CFP, pode acessar: https://formacaodeprofessores.ufrj.br/.

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



MUSEU NOS BRAÇOS DO POVO

ELISA MONTEIRO E JULIA NOIA
comunica@adufrj.org.br

O sucesso da comemoração pelos 201 anos do Museu Nacional, nos dias 8 e 9 de junho, mostrou a força da mais antiga instituição científica do país. Foi o primeiro aniversário da unidade após o devastador incêndio de 2 de setembro. E aproximadamente 30 mil pessoas, segundo os organizadores, acompanharam as atividades de divulgação das pesquisas realizadas por professores, estudantes e técnicos, na Quinta da Boa Vista.

"Este evento, para nós, é como se fosse uma 'virada de página'. Sofremos muito. A ferida causada pelo incêndio jamais irá cicatrizar. Mas temos que virar a página", afirmou o diretor do Museu Nacional, professor Alexander Kellner. "Além de estar vivo, o museu está ativo", completou.

O público disputou espaço nas tendas para aprender sobre antropologia, zoologia, botânica, paleontologia ou arte rupestre, o mundo das rochas e dos minérios. As crianças se esbaldaram naquelas que discutiam temas como dinossauros e escavações arqueológicas.

Curador de mamíferos do museu, o professor Marcelo Weksler falou sobre a importância do diálogo com a sociedade: "O museu é um espaço de aprendizado. É muito importante ter esse contato com a população", disse.

Estandes interativos apresentaram pequenas filas de espera no domingo, dia mais movimentado. Foi possível conhecer um pouco sobre cientistas do passado e do presente relacionados ao Museu Nacional graças a um jogo de tabuleiro. Rostos, como o da bióloga Bertha Lutz, estampavam as peças. Um tanque de areia para escavação não parou um minuto de revelar tesouros nas mãos dos arqueólogos mirins.

Também houve espaço para imaginar dias melhores para a ciência brasileira. Uma maquete do Museu Nacional sem telhado, aberta para o depósito de desejos e de sugestões do público foi bem acolhida pela geração que, ao que tudo indica, será a que vai usufruir o Museu Nacional do futuro. A miniatura do prédio foi produzida pelo estudante da FAU, Tomás de Quadros Rolim.

O evento, realizado em parceria com Serviço Social do Comércio (Sesc -RJ), também foi recheado de atividades esportivas e serviços. E contou com atrações artísticas como a Orquestra da Maré – no fim de tarde de sábado – e o grupo musical composto exclusivamente por mulheres "Samba que elas querem", que fechou a programação de domingo. Camisas e bottons de solidariedade da campanha Museu Nacional Vive esgotaram.







CONHECIMENTO NO PARQUE
Instalação do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista recebeu mais de trinta mil visitantes no final de semana

DINHEIRO NOVO

Durante a cerimônia de abertura do evento, foi anunciado o repasse de R$ 908 mil do MEC para a elaboração do projeto de reconstrução da fachada e dos telhados do prédio. O governo alemão doou mais 145 mil euros, cerca de R$ 640 mil para a reestruturação da parte elétrica do prédio. O país já tinha doado R$ 800 mil, em dezembro. "A primeira parcela, equivalente a 180 mil euros, foi imprescindível para o resgate. Sem esse dinheiro, não teria sido possível resgatar nem 20% do acervo", informou Kellner.







EXPERIÊNCIA PARA TODOS
Interatividade permitiu primeiro contato de público de todas as idades com a pesquisa



CRIANÇAS DOMINARAM
O público infantil se destacou na audiência do evento







AdUFRJ
JORNAL DA **ADUFRJ** / **REDAÇÃO: COORDENAÇÃO:** ANA BEATRIZ MAGNO **CHEFIA DE REPORTAGEM:** KELVIN MELO **EDIÇÃO** ANA PAULA GRABOIS, KELVIN MELO E SILVANA SÁ **REPORTAGEM** ANA PAULA GRABOIS, ELISA MONTEIRO, KELVIN MELO E SILVANA SÁ **DESIGN** ANDRÉ HIPPERTT **ESTAGIÁRIAS** GIULIA VENTURA E JULIA NOIA **TI** EDUARDO VALDOSKI
DIRETOR RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO FELIPE ROSA